

BOLETIM
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
DE LISBOA

FUNDADA EM 1875

3.^a SERIE — N.º 11



LISBOA
IMPRESA NACIONAL

1882

mesma festa que a metropole vae fazer em 1853, e que tanta acceitação e apreço encontra em todo o paiz.

II

A ILHA DO SAL DE CABO VERDE

Algumas palavras a respeito da ilha do Sal de Cabo Verde, onde passámos treze annos da nossa vida, onde deixámos amigos e honrosa recordação, não nos parece demasiado para lhe pagar o agasalho recebido.

Fomos para ali em agosto de 1853, tendo vinte e oito annos de idade; dirigimos a sua alfandega até maio de 1866, em que saímos da ilha. No mez de fevereiro de 1855, erecta a mesma em concelho independente, separando-se do da ilha da Boa Vista, a que até então estivera annexa, fomos encarregado da administração do novo concelho, cargo que igualmente exercemos até á nossa retirada.

No lazer que nos deixava o desempenho das funcções publicas de- mos principio, em outubro de 1862, a umas resumidas observações meteorologicas, que, a pedido do distincto viajante dr. Alphonse Stübel, de Dresde, quando em 1863 andou visitando a provincia, continuámos até ao referido mez de maio de 1866.

Parte d'esse trabalho foi por nós remettido ao dr. Stübel, e cremos que por elle publicado, segundo nos avisou tencionava fazer. O resto, porém, por diversos motivos não teve destino.

São essas observações na verdade de bem pequena valia; todavia, as unicas que existem por onde se possa avaliar a constituição climaterica da ilha do Sal, e são mesmo o primeiro trabalho meteorologico feito com certa regularidade em Cabo Verde. Levou-nos isso a publical-as, reduzindo-as ás tabellas que ao diante se hão de seguir.

N'essas tabellas, confeccionadas com o maximo cuidado, vão reduzidas a millimetros e a graus centesimaeas as pressões atmosphericas e as temperaturas observadas em barometro de pollegadas e thermometro de Fahrenheit, redução que nos pareceu deveriamos fazer, por serem essas hoje as divisões entre nós adoptadas.

E fica, com o que levámos exposto, explicada a publicação d'este escripto, que se cifra no desejo de não deixarmos inteiramente improductivo o trabalho que fizemos.

Querendo, porém, ligar a esse trabalho mais algum pequeno valor e pagar á ilha do Sal a nossa divida de gratidão, pareceu-nos não ser fóra de proposito fazel-o acompanhar de uma succinta descripção da ilha, do correr da sua historia, da sua administração em geral e população, dos seus productos e clima, e do desenvolvimento das suas aptidões.

I

É a ilha do Sal uma das do grupo de barlavento de Cabo Verde, e a mais ao N. de todo o archipelago, a primeira das ilhas salineiras

d'esta provincia, que da exploração das suas salinas não retira pequeno cabedal.

Demora 37 kilometros ao N. da ilha da Boa Vista, com que forma um grupo particular a 16° 34' lat. N. e 13° 52' long. O. de Lisboa.

Mede em seu maior comprimento, de N. a S., 30^k,5 e 11^k,1 na sua maior largura.

É quasi rasa, relevada apenas por pequenos montes, sendo o mais alto d'elles o Monte Grande, tambem chamado Monte Martins, cuja altitude é de 407^m,5.

De primitiva formação plutonica, é, todavia, em grande parte, de formação mixta, encontrando-se vastissimos plainos de areia branca, mesmo no interior da ilha, bastante pedra calcarea e jazigos argillosos.

Inteiramente privada de nascentes de agua, que não seja mais ou menos salobra, não é, apesar d'isso, desprovida d'este liquido, que se acha, mesmo com certa abundancia, em alguns pontos da ilha.

As fontes mais ricas, e de que os habitantes geralmente se servem, são as do Algodociro, a 5 kilometros da povoação principal, e da Palmeira a 20; havendo, alem d'estas, mais outras fontes ou poços menos importantes na Palha Verde, Madama, Fontona, Feijoal, etc.

Tambem se obtem agua, até certo ponto potavel, abrindo-se excavações ou *cacimbas* n'um areial á beiramar, perto da povoação de Santa Maria, areial a que chamam *ilha do Maio*, por ser o processo ali usado, para obter agua, o mesmo que se adopta n'aquella ilha.

Toda esta agua é, porém, como fica dito, mais ou menos salobra, pelo que os habitantes mais abastados usam, para beber, agua da chuva, que conservam em pipas ou tanques de ferro, ou a que podem obter a bordo dos navios que á ilha vão carregar sal.

Aberto ao commercio ha apenas um porto, onde se abeira a principal povoação; o porto de Santa Maria ao S. da ilha, bastante limpo, abrigado e seguro, não soprando o vento de ESE. a SSO.

Existem, porém, mais alguns portos, onde podem fundear navios de qualquer lote, sendo o melhor, mais vasto e abrigado o porto do Rabo de Junco, bahia Mordeira, das cartas, a SO. da ilha, formado pelo morro da Cabeça do Leão, ao N. e ao S. pela Ponta da Tartaruga. São os outros: as bahias da Palmeira ao O. e Pedra Lume a E. da ilha, e mais algumas pequenas enseadas, como a Pedra Negra e Fiura.

Ao longo das costas do Algodociro podem igualmente fundear embarcações de toda a lotação.

Aos portos do Rabo de Junco, da Palmeira e da Pedra Lume, se bem que não abertos ao commercio, permite-se a ida de navios com guardas da alfandega, sendo os que vão aos primeiros dois portos navios baleeiros, indo ali fazer azeite de baleia ou estação de pesca, e ao terceiro os que vão carregar sal; tendo uns e outros dado previamente entrada na repartição fiscal.

É o porto da Pedra Lume, onde existe uma ponte-caes de madeira para o embarque do sal, porto de levante, pouco abrigado e seguro, principalmente nos mezes de abril a agosto, pelo que de toda a conveniencia seria ali o estabelecimento de uma amarração fixa.

A povoação principal da ilha, por assim dizer unica, é a povoação

de Santa Maria, também chamada Portinho, havendo, além d'isso, dispersos pelo interior, pequenos povoados, como Casa Branca, Cabeça da Salina, Palha Verde, Madama, Palmeira e Pedra Lume. D'estes os mais importantes são Madama e Palmeira.

É na povoação de Santa Maria onde se realisa o embarque de sal da salina que lhe fica proxima, havendo actualmente para esse embarque duas pontes-caes de madeira, ligadas á salina por caminhos de ferro.

Esta povoação, cuja altitude maxima é de 1 metro, é bonita, muito alegre, regular e assejada. As ruas direitas e largas, não calçadas ainda, são alumiadas por alguns candieiros de petroleo. Ha na mesma algumas casas boas, mas em geral são terreas, pequenas e abafadas.

A 1,5 kilometro de distancia está a vastissima salina, dita do Portinho, d'onde carregam sal a maxima parte dos navios que do Brazil, Montevideu e Buenos Ayres vem á provincia buscar este artigo.

Á Pedra Lume, distante da povoação de Santa Maria cerca de 18 kilometros, são poucos os navios que vão carregar, pelo pouco abrigado do seu porto, como já dissemos.

A salina d'este nome existe na vasta cratera de um monte vulcanico, de ha muito apagado, onde brota uma nascente de agua saturada de chlorureto de sodio, que pela evaporação forma sal de muito boa qualidade.

A nosso entender, póde considerar-se esta salina como uma riquissima mina de sal, que actualmente ali deve existir soterrado em grande abundancia, desde que principiou formando-se, em tempos immemoriaes, até á recentissima data da sua exploração.

O monte onde está esta salina natural, fechada por todos os lados, a que chamam da Pedra Lume, pelas pederneiras ou silex que ali apparecem, tem 45^m,6 de altura: a bacia da salina, pouco mais ou menos, 13 metros de fundo; a superficie da mesma, approximadamente 4 hectares.

A fim de facilitar a saída do sal, serviço que era bastante trabalhoso, abriu-se um tunnel no monte, perfurando-o pelo lado de E., obra esta muitissimo dispendiosa, que bem revela o animo de quem a emprehendem, que para levar-a a cabo se não acobardou com difficuldades, para muitos insuperaveis.

Alem da salina natural, por ser pouco limpo o sal da mesma, tem-se aberto ali vallas e *maretas*, que assim chamam ás marinhas, sendo o methodo adoptado para o fabrico o seguido nas salinas do Portinho.

Para descrevel-o, repetiremos o que dissemos em 1861 como presidente da commissão encarregada, na ilha do Sal, de colligir productos para a exposição universal de Londres.

«Obtem-se o sal fazendo passar, por meio de bombas movidas pelo vento, a agua das vallas, rasgadas em terreno proprio para isso, a taboleiros de fundo argilloso, denominados *maretas*, onde se opera a crystallisação, que gasta de vinte a vinte e cinco dias ordinariamente, conforme a temperatura e estado de concentração das aguas. Finda esta, regam-se novamente as maretas, quebrando-se n'esta nova agua o sal obtido, para o limar da areia e outras impurezas, e amontoa-se

ao lado das maretas, d'onde é conduzido ao logar dos depositos ou do embarque.

«Todo o sal que se obtem é, em geral, de boa qualidade, sendo devida a sua côr, mais ou menos clara, á qualidade das aguas e ao esmero que se emprega no fabrico. O processo descripto é o empregado desde que n'esta ilha se fabrica sal, sem que tenha experimentado o mais pequeno aperfeiçoamento.

«Poderia obter-se dobrada producção se não fosse a falta de braços e chuvas regulares, e se houvesse melhor administração nos trabalhos e aperfeiçoamento no systema empregado no fabrico.»

Á conservacão da salina é cousa a que, na verdade, tambem pouco se attende: de dia para dia vae sendo invadida pela areia que a cerca; vae ficando obstruido o terreno salifero pelos detritos argillosos, que denominam *bardo*, procedentes da abertura ou limpagem das maretas.

E lá se vae amontoando o tal *bardo*, crescendo, crescendo... sem que ninguem o incommode, sendo aliás tão facil, pelos caminhos de ferro, a sua remoção para fóra da salina.

Para atalhar a invasão das areias bastaria tambem apenas plantar tarafes nos terrenos confinantes á mesma, e assim o fizemos quando administrámos o concelho. Não nos consta, porém, que taes plantações tenham continuado.

E nada mais a respeito de salinas; acrescentando ainda que, apesar do que levâmos dito, é a do porto de Santa Maria digna de ver-se, e, segundo nos parece, unica no seu genero.

É a ilha do Sal geralmente plana, e por toda ella, com rarissimas excepções, podem transitar carros: os que se usam são puxados a mulas. Alguns proprietarios têm mesmo carrinhos e caleche para irem ao interior.

Para concluir a nossa descripção restar-nos-ha tão sómente dizer que é, em geral, arida, desarborisada e impropria para a cultura.

Ha, todavia, alguns sitios, como Palha Verde, Fontona, Palmeira, Parda, Feijoal, Terra Boa, etc., onde alguma se póde obter.

Na Fontona encontra-se mesmo um bom tracto de terreno, occupado por um vasto coqueiral, o que tudo prova não ser a ilha absolutamente incultivavel. Isto quando não falte chuva, o que infelizmente acontece com frequencia.

Em annos chuvosos são excellentes as pastagens.

II

O descobrimento da ilha do Sal, segundo a opinião de diversos, deve-se a Antonio de Nolle, ao serviço do infante D. Henrique, e realisou-se no anno de 1460, recebendo esta o nome de ilha Lhana, pelo aspecto que apresentava vista do S., nome que trocou mais tarde pelo que hoje usa.

Conservou-se esta ilha inteiramente abandonada desde o seu descobrimento até ao anno de 1808, em que os habitantes da da Boa Vista começaram a mandar para ella alguns escravos, como pastores do gado que lá tinham. Antes d'isso apenas ha noticias de ir ali gente de passagem, á pesca das tartarugas, de que era e é abundantissima.

Data, porém, a sua verdadeira historia do anno de 1830, epocha em que pela primeira vez a visitou o abastado negociante Manuel Antonio Martins, estabelecido na da Boa Vista, que em 1834 foi prefeito d'esta provincia e agraciado com a carta do conselho.

N'esse mesmo anno de 1830 teve principio a exploração da salina da Pedra Lume, e reconhecendo o predito conselheiro quanto ella podia ser valiosa, não hesitou em despendar avultadissimo cabedal com a abertura do tunnel de que já fallámos.

E tencionava mesmo, segundo consta, ligar aquella salina com o porto do Rabo de Junco, por meio de um ferro-carril, obra que certamente teria executado, a não ser a descoberta, em 1833, da propriedade de produzir sal, que tinha o terreno proximo da povoação de Santa Maria, onde hoje existe a salina, descoberta devida ao acaso de terem alguns pastores, que por ali andavam, notado que as pegadas que os bois imprimiam no solo se enchiam de agua, que em pouco tempo n'ellas deixava bellissimo sal.

Por esse mesmo anno de 1833, a convite do conselheiro Martins, passaram para a ilha do Sal alguns habitantes da da Boa Vista, seus parentes ou affins na maxima parte, para se empregarem no fabrico do sal na nova salina, adiantando-lhes elle o que para isso careciam, e occupando tambem, por sua conta propria, grande parte do terreno salifero, que começou a trabalhar, reconhecendo desde logo a importancia d'esta nova exploração.

Em vista d'ella, em 1836 resolveu-se a ligar a nova salina, por um caminho de ferro, com o Portinho ou porto de Santa Maria; e, com o espirito arrojado que possuia, n'esse mesmo anno fez assentar o referido caminho, de cerca de 1,5 kilometro, que, saindo da salina, vinha entestar no logar do embarque.

E foi essa a primeira via ferrea assente em territorio portuguez, bem como foi o primeiro tunnel o por elle mandado abrir no monte da Pedra Lume.

Por aquelle caminho de ferro era conduzido o sal, em wagonetes com a capacidade de um moio da provincia, que, puxados a mulas, o levavam aos depositos, d'onde em balaos era embarcado á cabeça de mulheres.

Se o vento estava de feição, isto é, de NE., suppriam as vélas, que adaptavam aos carros a serviço das muares.

Cremos, porém, que este modo de tracção só foi usado mais tarde, e principalmente nos annos de falta de pastagens, vindo então os carros da salina empuxados pelo vento, e retirando (descarregados), impellidos a braços.

Em 1837 era tal a importancia que a ilha do Sal tinha adquirido, que o governo da provincia resolveu estabelecer n'ella uma alfandega e um governo militar, como de facto se fez.

Datam de então os repetidos conflictos e questões, que por muito tempo assoberbaram a ilha e que por vezes deram não pouco cuidado aos governadores geraes da provincia.

A tal respeito, porém, nada diremos, que são mortos, na maior parte, provocantes e provocados. Cubra o véu do esquecimento factos que já lá vão, que não são de recordar-se.

Em 1839 o conselheiro Martins, que já então com sua família residia na ilha do Sal, pediu e alcançou de aforamento, por si e por seus correspondentes em Lisboa, Matheus da Silva Louro e José da Silva, 2 leguas e meia quadradas de terreno e areiaes em diversos pontos da ilha, comprehendendo os de que já estava de posse.

A medição d'esses terrenos quasi que absorveu os melhores da ilha e toda a salina do Portinho.

O fôro annual a que ficou sujeito o concessionario foi o de 120\$000 réis, sendo auctorisado a cobrar annualmente dos proprietarios de maretas 20 réis por cada uma, a titulo de imposto de terrado, imposto, todavia, a que ninguem quiz sujeitar-se, nem foi nunca recebido.

Todas estas concessões foram feitas para se aproveitarem os terrenos aforados em diversas culturas, declarando-se mesmo em uma d'ellas, que deveria ser occupado com plantações de café, *assucar*, tabaco, mandioca, algodão, chá, cereaes e arvores exoticas! E bem exotica com effeito que foi a tal concessão!

Em 1843 foi tambem pedido e dado ao conselheiro Martins, na povoação, o terreno preciso para o assentamento de uma ponte de madeira, a qual de facto se construiu, e, cercada de telheiros, armazens e officinas, formava um bello estabelecimento para o embarque do sal.

Foi por muitos annos n'esta ponte, e n'outra pequena e insignificante ponte de madeira, construida provisoriamente pelo proprietario, residente na ilha da Boa Vista, Porfirio Antonio Oliveira, que se embarcou todo o sal da salina do Portinho.

Em julho de 1845 falleceu o conselheiro Manuel Antonio Martins, e será aqui logar de tornar bem patente quanto com a sua morte perdeu não só a ilha do Sal, mas toda a provincia, pois foi elle, fóra de toda a duvida, um dos seus mais prestantes cidadãos, que, sabendo aproveitar a riqueza adquirida com seu trabalho incessante, dotou este archipelago de melhoramentos não faceis de esquecer.

Não foi só a ilha do Sal onde mostrou a força e magia do seu genio emprehendedor: em todas as ilhas, mais ou menos, se fez sentir a acção do seu braço; e, para lhe dar nome, bastaria apenas o encanamento da agua da nascente do Monte Agarro, á então villa da Praia, capital da provincia, obra que, para o tempo em que foi feita, podia chamar-se uma obra real.

E nem sequer, para perpetuar o seu nome, foi elle conservado aos diversos logares da ilha do Sal, que primitivamente o usaram, como o Porto Martins, hoje Porto de Santa Maria, e o Monte Martins, geralmente chamado Monte Grande; restando apenas, para não ser de todo esquecido, na povoação principal da ilha, uma rua denominada rua Direita Martins.

Desculpe-se-nos esta digressão, inteiramente despida de parcialidade, pois unicamente de nome conhecemos o fallecido conselheiro Martins. Fallando da ilha do Sal, não podiamos nem deviamos, sem injustiça grave, deixar no olvido aquelle a quem a provincia tanto deve.

Com a morte do conselheiro Martins começaram as dissensões entre seus herdeiros, e a decadencia do estabelecimento por elle fundado.

Para a administração d'este constituíram-se aquelles em sociedade, e, com a firma M. A. Martins, continuaram a sua gerencia.

Em 3 de abril de 1846, um dos seus filhos, Aniceto Antonio Ferreira Martins, tambem já fallecido, obteve de aforamento 600 metros quadrados de terreno na salina da Pedra Lume.

Em 1850, seu genro, commendador Antonio de Sousa Machado, construiu, na povoação de Santa Maria, uma ponte-caes de madeira para embarque do sal da sua lavra, começando mesmo trabalhos preparatorios para assentamento de um caminho de ferro.

A sociedade do Portinho foi, porém, continuando com a citada firma, que veio a mudar na de M. A. Martins & Sousa, por se unir á mesma em 1853 o dr. João de Sousa Machado, actual deputado ás côrtes pelo circulo de Barlavento d'esta provincia, filho do predito commendador, já então fallecido, e herdeiro da mencionada ponte, que foi demolida em consequencia da concordata que fizeram.

Não cessou, todavia, com esta união, a desarmonia, que continuou reinando, como era de esperar em sociedade tão numerosa; proseguiram as rivalidades e os choques de interesses, e era tal o estado das cousas em 1855, quando assumimos a administração do concelho da ilha, que tendo de informar, por ordem do governo da provincia, ácerca do seu estado, em relatorio de 10 de agosto d'esse anno disse-mos o seguinte, que nos parece a proposito repetir agora, para se fazer uma idéa da situação a que chegára.

«A ilha do Sal, ex.^{mo} sr., esta ilha, talvez a segunda do archipelago emquanto a importancia commercial; esta ilha que, explorada como devêra, poderia ser a fonte da prosperidade de muita familia, e o local onde encontrassem trabalho constante tantos braços desoccupados que se encontram na provincia, com pezar o repito, de dia para dia em vez de ir augmentando diminue progressivamente de importancia, e, com a sua industria estacionaria, mesmo decrescente; victima do exclusivismo do commercio, em vez de ser um manancial de riqueza para muitos, nem ao menos o é, o que parece incrível, para aquelles que d'ella estão de posse.

«A ilha do Sal, no estado actual das cousas, pôde considerar-se como um vasto morgadio em mãos que d'elle não curam; a sua industria, o fabrico de sal, unica de que vive, estacionaria sem aperfeiçoamento nem augmento por falta de emulação e competencia; o seu commercio exclusivo e escravizado; a sua agricultura nulla; e o estado dos seus habitantes como pôde ser o dos de uma terra onde a industria, commercio e agricultura se acham como digo.

«E não afeito nem carrego as cores do quadro; o que não busco é illudir illudindo-me; pois o commercio que se está fazendo é em tão pequena escala para o que podia ser, e por tal modo feito, que continuando, é força traga consigo a sua ruina total.

«A causa, porém, é simples e a todos patente, mas interesses mal entendidos a não deixam reconhecer, e entretanto o monopolio do commercio, inimigo implacavel d'este e da industria, reina n'esta ilha, que favorecida com um ramo de exportação tão importante como o que possui, nem ao menos pôde occorrer ás necessidades dos que a habitam.

«O commercio de exportação está entregue a uma empresa, a do caminho de ferro do Portinho; está em poder de uma sociedade que só pôde emprehendel-o com vantagem; porque só ella para isso tem os meios necessarios; mas essa sociedade, cega nos seus interesses de momento; essa sociedade repousando n'um principio de exclusivismo, em vez de ser quem o proteja e ampare, será quem ha de causar-lhe a sua maior ruina.»

Assim o dissemos em 1855, e no fim do citado relatorio acrescencámos:

«A associação do caminho de ferro para a exportação do sal d'esta ilha, tem cortado a arvore para colher-lhe o fructo; a empresa existe ha muito proxima a perecer, pois todo o systema commercial que tem a exclusão por base, só se sustenta por accidentes fóra da sua esphera de actividade. Esta sociedade só deve ao acaso a existencia precaria de que ainda disfructa, e não á sua constituição; qualquer concorrência a deitará por terra. Sustentou-se ao principio florescente, de commum accordo com os proprietarios, quando todos, por assim dizer, d'ella faziam parte; continuou depois sustentando-se, quando desunidos, pela indolencia dos mesmos em lhe fazer concorrência, e já, ha bem pouco ainda, quasi que esta a ia destruindo! Hoje, continua apoiando-se no monopolio do commercio, mas é este o apoio mais fragil que poderia escolher, e que o mais ligeiro sopro n'um instante poderá derrubar.»

E assim foi com effeito; não tardou muito a competencia seria. Em 1859 o negociante João José Vera Cruz, casado com uma neta do fallecido conselheiro Martins, construiu uma ponte-caes de madeira para o embarque do sal, seu e dos demais proprietarios; e logo depois em 1860, um caminho de ferro ligando-a com a salina, onde este rail ramificou-se; adquirindo mais tarde outra ponte, ou, para melhor dizer, o terreno onde existia a de Profirio Antonio de Oliveira, de que já fallámos, e ahi edificou nova ponte-caes, que reuniu por um ramal de caminho ao seu caminho de ferro principal. N'esse mesmo anno de 1860, foi judicialmente declarada dissolvida a sociedade M. A. Martins & Sousa, continuando, porém o embarque do sal pelo seu caminho de ferro e ponte.

No de 1869, seguiram-se na concorrência dois netos do mesmo conselheiro, doutores Antonio e João de Sousa Machado, com a firma Machados Irmãos.

Construiram tambem uma ponte no local onde existia a antiga ponte de sua casa, e igualmente a ligaram á saída por uma via ferrea com diversos ramaes.

Edificaram na cabeça d'essa ponte um bonito escriptorio, e tanto o seu estabelecimento como o de Vera Cruz, que possuem grande numero de lanchas, e de mais material attinente ao seu trafico, são hoje bem conhecidos nas praças importadoras do sal.

O velho estabelecimento, não podendo lutar, caiu por terra. Em 1877 foi finalmente o seu material dividido pelos socios existentes, e hoje nem sequer vestigios se encontram de caminho de ferro e da ponte construidos pelo conselheiro Martins.

Sic transit gloria mundi.

Não acabou, todavia, com esta quêda a importancia da ilha; os dois novos estabelecimentos bem suppreem o que deixou de existir.

Possuem elles cerca de 3 kilometros de caminho de ferro, e é por este caminho, espalhado em ramaes pelo campo da salina, vindo findar sobre as pontes-caes de embarque, que se transporta o sal em wagonetes de trinta alqueires, que puxados a muares, o vem despejar directamente nas lanchas que o hão de levar a bordo.

A não exclusão no embarque do sal produzido tem influido para bem na producção que, se não augmentou consideravelmente, se tem pelo menos conservado em rasoaveis limites; e mesmo a salina da Pedra Hume, hoje explorada por Machados Irmãos, não nos consta tenha diminuido no seu rendimento annual.

Temos dito que pelo que respeita á historia da industria salineira, que é a verdadeira vida da ilha do Sal, e muito expressamente, para não interrompê-la, temos calado a da sua administração. Atando, porém, agora o fio quebrado, diremos o pouco que a tal respeito se nos offerece a dizer.

Desde 1837 houve constantemente na ilha força militar, quasi sempre commandada por um capitão, que accumulava ao commando o cargo de commandante militar. Em 1845 creou-se na ilha do Sal uma secção de segunda linha, commandada por um tenente.

No anno de 1851 foram dadas ao commandante militar attribuições administrativas. No de 1854 foi a alfandega elevada á categoria de alfandega de primeira classe.

Em 1855 foi finalmente pelo conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, então governador geral da provincia, separada a ilha do Sal administrativamente do concelho da da Boa Vista, erigindo-a em concelho independente, com seu administrador e uma commissão municipal por elle presidida.

N'esse mesmo anno, continuando a ilha annexa, quanto ao judicial ao julgado da Boa Vista, para acudir ás necessidades do commercio, foi igualmente creado um logar de tabellião de notas.

Chegou, enfim, o anno de 1856 e com elle a inteira independencia da ilha do Sal, que, por decreto de 1 de outubro, foi constituida em julgado.

Em 1871 passou a commissão municipal a ter presidente electivo.

É a séde do concelho na povoação de Santa Maria, onde existe a unica parochia da ilha, tendo por orago Nossa Senhora das Dores. Esta igreja, principiada em 1851, só annos depois começou a funcionar.

Até então dizia-se a missa e celebravam-se as funcções do culto n'uma barraca de madeira, que fôra camara de um navio naufragado.

Na Pedra Lume ha tambem uma bonita capella com a invocação de Nossa Senhora da Piedade, pertencente aos herdeiros de Aniceto Antonio Ferreira Martins, que a edificou.

A essa capella, onde se celebra missa todos os annos no dia 15 de agosto, vão em romaria por essa occasião a maxima parte dos habitantes.

Ha na ilha um cemiterio unico, proximo á povoação principal; foi construido em 1856.

Como fecho da historia da ilha do Sal, diremos ainda das crises por que tem passado.

Das fomes que por varias vezes assolaram Cabo Verde, não ha a fallar, pois pouco na ilha do Sal foram sentidas, não só por estarem habituados á carestia dos generos os seus habitantes, mas porque, sendo quasi exclusivamente trabalhadores de salinas, são sustentados com suas familias pelos proprietarios d'estas; isto já se sabe á sua custa pelo fructo do seu trabalho.

Indigentes não os ha na ilha.

Será, pois, apenas das crises sanitarias que teremos a dizer.

D'estas a mais seria, e que ceifou cerca de um terço dos habitantes, foi o escorbuto em 1856, e deve confessar-se que não faltaram soccorros.

Tratando d'esta molestia, será logar de dizermos que é endemica na ilha, e que não ha anno em que no povo baixo deixe de fazer estragos, isto talvez devido á natureza do seu trabalho e alimentação.

A outra epidemia e a ultima, foi a febre amarella em 1873, que tambem, se não tantas, algumas vidas ceifou, e essa não olhou a classes.

Tambem, já que em calamidades fallámos, não póde passar despercebido o temporal que em 1878 destruiu as duas pontes de João José Vera Cruz, e arruinou a de Machados Irmãos.

Felizmente foi esse mal reparado, construindo o primeiro uma nova ponte e reparando os segundos as avarias soffridas, continuando o commercio da ilha no seu caminho regular.

III

Forma a ilha do Sal de Cabo Verde um concelho unico, tendo á testa o administrador respectivo, um só julgado e uma unica parochia com seu regedor.

Os negocios municipaes são geridos por uma commissão municipal de cinco membros; os da parochia pela junta da mesma.

O judicial corre a cargo de um juiz ordinario, simultaneamente juiz de paz e eleito. Com elle serve um sub-delegado do procurador da corôa e fazenda.

O escrivão do julgado acumula as funções de tabellião de notas.

A alfandega da ilha é alfandega de primeira classe, ou de deposito, e n'ella se pagam todos os impostos e receitas da fazenda publica.

O correio anda annexo á alfandega, sendo dirigido pelo seu director.

Ha na ilha uma delegação da junta da fazenda para os trabalhos da contribuição predial de repartição.

Dirigindo o serviço de saude acha-se um delegado da junta de saude publica da provincia, unico facultativo do concelho. A seu cargo está uma pequena ambulancia.

O administrador do concelho é actualmente commandante militar da ilha. A unica força da mesma é um destacamento da segunda companhia de policia da provincia, commandado por um segundo sargento.

O porto é governado por um patrão mór, tendo o actual gradação de segundo tenente da armada.

A instrucção publica acha-se a cargo de um professor de instruc-

ção primaria elementar, e de uma mestra de meninas, ambos pagos pelo cofre da fazenda.

Do quadro infra se mostra o movimento escolar em cinco annos lectivos.

Annos lectivos	Alumnos matriculados		
	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
1875-1876.....	64	—	64
1876-1877.....	60	—	60
1877-1878.....	59	16	75
1878-1879.....	48	10	58
1879-1880.....	48	10	58

Observações.—Dos dois primeiros annos, embora a aula estivesse aberta, não consta, por falta de assentamento, o numero de alumnas que a frequentaram.

Relativo aos ultimos dois annos de 1880-1881 e 1881-1882 nada podémos encontrar.

Obras publicas não estão a cargo de pessoa alguma, pela simples razão de ser cousa que não existe, pois tirando algumas ampliações e reparos na casa da alfandega e no quartel, tudo quanto ha feito é de iniciativa particular. Mesmo para a construcção da igreja apenas, se bem nos lembra, contribuiu a fazenda publica com um auxilio de réis 300\$000.

A commissão municipal tambem, por falta de fundos, pouca cousa tem feito. A casa onde funciona é pertença do municipio, e pelo mesmo comprada em 1878.

A população da ilha do Sal, estacionaria desde 1860 até 1876, soffrendo as consequencias do escorbuto que em 1856 a assolára, segundo os mappas publicados nos boletins officiaes da provincia, conservou-se no referido periodo com cerca de 800 almas, tendo mesmo em alguns annos diminuido, como se mostra dos dados que seguem:

Annos	Almas
1860.....	894
1861.....	804
1864.....	838
1867.....	814
1870.....	772
1871.....	740
1873.....	802
1874.....	827
1876.....	889

Media da população 820.

De 1876 em diante começou crescendo, como se vê do mappa infra.

Annos	Fogos	População		
		Sexo masculino	Sexo feminino	Total
1877.....	214	459	532	991
1878.....	217	488	594	1:082
1879.....	221	467	546	1:013
1880.....	221	542	623	1:165
1881.....	251	530	608	1:138

Observações.— A fluctuação da população deve-se á retirada dos trabalhadores para as suas terras, quando se interrompe o fabrico do sal.

Esta população compõe-se na maxima parte de individuos da ilha da Boa Vista. Propriamente do Sal não avançará a um terço.

Não ha por consequencia no ilha creolo ou linguagem privativa, sendo a predominante a da citada ilha da Boa Vista.

E assim como as ilhas do archipelago se dividem em dois grupos, de sotavento e barlavento, assim tambem o seu creolo está sujeito ás mesmas divisões.

Encontram-se na provincia de facto dois grupos de linguagem, differindo entre si bastante, sendo uma das suas principaes caracteristicas as palavras *nhô* e *bôcê*, das quaes a primeira em sotavento, em barlavento a segunda, traduzem todos os tratamentos superiores ao tu, que em ambos os grupos se exprime pela palavra *bô*. Em Santo Antão é *ôcê* e não *bôcê* a voz empregada.

E esta palavra *bôcê* não só é tratamento, o mais delicado, mas ainda nas ilhas da Boa Vista e Sal, pronome possessivo da terceira pessoa do singular, o que dá logar por vezes a engraçados equívocos, quando se antepõe a nomes que não é de uso chamar a ninguém, como, v. g. *Bôcê burro*, *bôcê cavallo*, etc., para dizer o seu burro, o seu cavallo.

Tambem acontece ainda encontrar-se repetida na mesma phrase nas suas duas acepções, como, por exemplo, *bôcê flâ bôcê mulher*, diga á sua mulher, o que não deixa de dar graça á expressão.

Têm os habitantes das duas referidas ilhas a pretensão de ser o creolo que fallam, o melhor e o mais claro da provincia, e na verdade, é elle dos mais agradaveis ao ouvido.

Pedindo venia pela digressão, passaremos a mostrar qual o movimento da população da ilha nos referidos cinco annos; foi o seguinte:

Annos	Baptisados	Obitos	Casamentos
1877.....	31	8	7
1878.....	54	16	12
1879.....	39	9	5
1880.....	65	16	5
1881.....	43	27	8

O movimento, por sexos, de baptisados e obitos, não se encontra especialisado.

Em vista dos dados constantes dos quadros retrò vê-se que o augmento da população da ilha do Sal nos ultimos cinco annos foi de 147 almas, estando os habitantes do sexo masculino para com os do feminino na rasão de 1 para 1,14.

A media dos baptisados no referido periodo foi de 46,4.

A dos obitos de 15,2.

A dos casamentos de 7,4.

Os baptisados comparados com a população acham-se na rasão de 1 por 23,22 habitantes; nos obitos na de 1 para 0,32.

Firalmente, os obitos para com os habitantes, na rasão de 1 para 70,9, sendo a percentagem media dos obitos de 1,41 por cento.

A população da ilha está, por assim dizer, concentrada na povoação de Santa Maria; pelo interior apenas se encontram algumas familias, dos que se empregam em apascentar gado, e que do mesmo vivem, ou os poucos que se dão á cultura, mas estes tão sómente na estação das chuvas.

Familias que vivam sempre fóra da povoação principal ha bem poucas; não contando as que habitam na Cabeça da Salina e Casa Branca, que se occupam no fabrico do sal na salina proxima.

Os habitantes da ilha do Sal, pela maxima parte são naturaes da provincia, com especialidade, como já ficou dito, da ilha da Boa Vista.

Do reino e ilhas adjacentes apenas havia 7, segundo o recenseamento de 1878, unico por naturalidades que podémos encontrar. Estrangeiros não havia senão dois.

E temos dito pelo que respeita á população e seu desenvolvimento.

Agora duas palavras ácerca do seu character, usos e costumes, que servirão de remate a este capitulo.

É o povo da ilha de Sal, como geralmente o de todo este archipelago, socegado, indolente, supersticioso, falto de instrucção, cheio de crendices absurdas, abusões e arraigada crença em feiticieiros e feiticieras.

Para elle toda a molestia se cifra em *rabàda* e *fêtamal*, que assim chamam ao mau olhado, quebranto ou feitiços, recorrendo para curar-se aos benzedores e curandeiros, que, quando por felicidade não matam, deixam arruinados os pobres tontos que lhes cáem nas mãos, mas não desanimam nem se emendam; nem ha quem convencel-os possa da sua estulticia.

Gostam muito de remedios caseiros, e pouco crêem na medicina, a que só em ultimo extremo recorrem.

Entre aquelles, figura em primeira plana a *temperadinha*, isto é, a infusão em aguardente da terra, de casca de laranja, cidreirinha e quantas hervas odoríferas encontram; remedio efficacissimo contra flatos e dores do estomago; mesmo preservativo excellente, segundo affirmam, tomado de manhã em jejum.

O cozimento da *bafareira*, nome que dão á palma-christi, e a applicação das suas folhas, cruas ou cozidas, é tambem para quasi todas as dores.

Á *bafareira* branca, que é a de que usam, attribuem, isto não só na ilha do Sal, mas em todas as outras, a virtude mirifica de fazer affluir leite aos seios das mulheres de toda a idade, mesmo senil, comtante que já tenham sido mães. Para obter tal resultado banham ellas repetidas vezes os peitos com o cozimento quente das folhas da *bafareira*, ao qual chamam *xêmã*. Opinião, porém, muito auctorizada nos leva a descrever da efficacia de tal processo.

Tambem as puerperas não podem dispensar-se, sem graves riscos, do tal *xêmã* com *bafareira*; isto em agua quasi a ferver, de que recebem o vapor e tomem banhos locais por um mez a fio consecutivo ao parto, duas vezes por dia, parecendo impossivel que de taes banhos, ou antes escaldões, possam supportar a temperatura. E está por tal modo arraigada esta pratica, tão incommoda como nociva, que não ha convencel-as dos seus inconvenientes.

Ora, já que em parto fallámos, será occasião propicia de contar o que se passa na noite do sexto para o setimo dia que se lhe segue.

É essa noite verdadeira noite de festa, em que ninguem dorme, não faltando o café e mais comes e bebes; pois todos têm de velar para que a creança não seja comida pelas feiticeiras, que parece são gulosas de meninos d'aquella idade.

A esta vela, feita pelos donos da casa, parentes, amigos e vizinhos de ambos os sexos, estando armados os homens de paus, espadas, etc., chamam *gardã feticêra*, e é de rigor.

Nas portas e janellas de casa traçam n'essa noite com giz *sinos-saimãos*, e espalham sal, que é de fé-se transformará em agua, na qual as feiticeiras terão forçosamente de afogar-se, se teimarem em entrar.

Se durante a velada sentem miar algum gato, ou qualquer ruido por elles suspeito, tratam logo de '*Sconjurá feticêra pa câ bën comê minino*, esconjurar as feiticeiras para não virem comer o menino, o que fazem nos seguintes termos: *Tóscã barrósca, rabo pa mar cabeça pa terra; feticêra câ tâ comem', bruxa câ tâ embrucâm': bâ comê limo na fundo de mar. Nós'Senhor que juntam', Nós'Senhor que tá'scunjuntam'*. — Palavras que, tirando as duas primeiras, intraduziveis e cabalisticas, equivalendo talvez a *vade retro*, escusado seria verter em portuguez, pois todas provavelmente serão comprehendidas; todavia como seja possivel estarmos enganados, ahí vaé a traducção do tal esconjuro: *Tóscã barrósca*, rabo para o mar, cabeça para a terra; feiticeiras não me comem, bruxas não me embruxam; vaé comer limo no fundo do mar. Deus que me fez, Deus é que ha de desmanchar-me.

A navalha de barba com que foi cortado o cordão umbilical, que com outro instrumento não deve cortar-se, é obrigatório se conserve debaixo do travesseiro da mãe da creança, até passar esta noite aziaga e perigosa.

Se, porém, apesar de todas as cautelas e esconjuros, por infelicidade a creança morre, facil lhes é conhecer se foi ou não victima das feiticeiras; pois, na affirmativa, terá os punhos cerrados e salgada a testa, o que com a lingua tratam de verificar.

É o povo em geral muito amante de festas, principalmente ruidosas e aonde não falem tambores; incansaveis em bailes e folgares de toda a especie, e, embora pobres, alegremente vão passando a existencia.

Por funcções religiosas são fanaticos, mórmente havendo procissão, mas de instrucção religiosa nem vislumbres; gostam das festas por serem festas, e nada mais, e porque divertindo-se têm fé de agradecer a Deus e aos santos.

Uma das festividades mais popular e concorrida é a do Espirito Santo, havendo todas as noites, desde quinta feira de Ascensão até dia de S. Pedro, cantoria acompanhada de rebecas e violas em torno de um mastro, ou moirão, com sua bandeira, que se eleva carregado de luzes em frente da igreja, e onde, em melopéa não desagradavel, entoam os devotos as seguintes cantigas, em portuguez acreolado, que certamente nem elles mesmos entendem.

O' divino 'Sprito Santo,
Divino consolador,
Consolae os seus meninos.

Ahi vam o 'Sprito Santo,
Com a sua bandeirinha,
Consolar os seus mordomos.

Aqui eston para embarcar,
Mas ha quem diga, diga
Deus te leve a salvamento,
Te ponha em porto seguro.

O' que rica laranjeira
Tantas laranjas que tem
De raiz até ás flores.

Quem quizer ver o empero
Vá em cima ó Corpo Santo
No domingo da Trindade,
E lá vem os seus tambores.

Tambem são muito dados ao jogo, mas o seu maior vicio é o abuso da aguardente da terra, vicio que infelizmente partilham com o geral dos habitantes da provincia.

O uso de fumar, ordinariamente cachimbo, que dizem *canhôto*, é quasi geral e commum a ambos os sexos; sendo igualmente muito vulgar nos homens mascarem tabaco, usando para isso do tabaco em pasta americano, a que chamam *manôco*.

Instrucção, mesmo elemental, é-lhes geralmente alheia, mas na

verdade d'isso, sem injustiça grave, não se lhes póde imputar culpa, pois lhes não falta aptidão para aprender, mas sim mestres que os eduquem e ensinem. Para as artes liberaes, principalmente musica, têm mesmo vocação decidida, e muitos só de ouvido tocam soffrivelmente rebecka e viola.

Faltos, como fica dito, de educação e instrucção, não admira que o seu nivel moral seja pouco elevado, e que os maus costumes sejam semente que entre elles fructifique.

Note-se, porém, que quanto vae exposto só é applicavel á classe inferior da sociedade, e que, bem pelo contrario, na classe elevada não faltam qualidades apreciaveis, primando entre ellas a hospitalidade que exercem por vezes até á imprudencia.

As bases da alimentação popular são o milho e o peixe fresco ou salgado, tendo mesmo o pessimo gosto de preferirem ao primeiro o peixe já sentido, a que chamam *maduro*.

Tambem gostam bastante de carne e ovos de tartaruga, e se encontram carne de baleia fazem-lhe festa. Os torresmos do toucinho d'este cetaceo são para elles manjar delicado, e mesmo a classe mais abastada, cuja comida é variada segundo as suas posses, não desde-nha estes dois ultimos alimentos.

O leite azedo coalhado é igualmente sustento de que muito usam.

E basta de ethnographia, pois seria repetir com ligeiras variantes o que a este respeito dissemos ácerca da ilha de S. Vicente, e que poderá ler-se nos boletins da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.^{os} 2 e 3 do corrente anno.

IV

Passando agora a occupar-nos das producções da ilha, diremos em primeiro lugar do sal, a que deve o nome e a sua rasão de ser, sob o ponto de vista commercial.

A producção media do sal era em 1861 de 9:000 moios da provincia; a saber:

	Moios
De primeira sorte das salinas do Portinho	3:000
De segunda sorte das mesmas salinas	5:000
Da salina da Pedra Lume	1:000
	9:000

Isto segundo consta das informações que acompanharam as amostras remetidas no dito anno para a exposição universal de Londres, e não nos parece tenha augmentado a producção, pois que, se annos houve em que a exportação ultrapassou esta cifra, foi a mesma suprida pelos depositos dos annos anteriores.

Da constituição geologica da ilha nada póde dizer-se, por não estar estudada. O basalto, o sillex, a mica, a pedra calcarea, a argilla, não são raros.

Productos inorganicos, com valor no mercado, alem do sal não sabemos de outro.

A flora e fauna são pobrissimas, bem pouco havendo na verdade

a dizer a seu respeito, não repetindo o que fica dito nos já citados números do boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Notaremos, pois, apenas que, apesar da ilha ser imprópria para a cultura, em alguns sitios em annos de chuva dá milho, feijão, aboboras, batata doce, melões, melancias, etc. Os melões são mesmo de superior qualidade, talvez os melhores da provincia.

O algodoeiro, a bombardeira, a palma-christi, produzem bem, e, principalmente a ultima poderia ser uma verdadeira riqueza para a ilha, se fosse aproveitada.

O coqueiro podia igualmente cultivar-se em grande escala, e não seria pouco importante o seu rendimento.

Arvores, tirando estas, apenas póde mencionar-se a tarafe, que toma proporções arboreas, e podia utilizar-se para lenha se abundasse, e alguns pés de palmeira, tamarindeiros, amendoeira de Havana, groselheiras e acacias.

Encontra-se nas rochas bastante urzela, cuja producção annual aproveitada poderá avançar a 200 quintaes.

Os pastios são excellentes, chovendo, pelo que abunda o gado de todas as especies.

Do mappa infra se vê a importancia pecuaria da ilha nos annos no mesmo mencionados.

Annos	Cabeças de gado						
	Vaccum	Cabrum	Lanigero	Cavallar	Muar	Azinino	Suino
1874...	168	4:832	522	62	127	151	?
1879...	309	6:300	716	48	84	362	92
1880...	344	8:309	593	52	79	395	?
1881...	555	4:815	293	60	72	445	110

E foi em todo o tempo o gado uma das riquezas da ilha, sendo a lastimar que as seccas periodicas, a que infelizmente está sujeita, o não deixem procrear como aliás aconteceria.

Animaes venenosos não existem, a não ser o *cem-pés* annelide, que chega a attingir o comprimento de 20 centimetros e mais. A infusão do mesmo em aguardente da terra é, em toda a provincia, especifico muito recommendado para curar a sua mordedura.

Os mosquitos são uma verdadeira praga, mórmente na povoação de Santa Maria.

De aves e passaros só mencionaremos a mais o flamengo, que chama *jarápo*, bonito lati-rostro que ás vezes apparece na Pedra Lume, vindo provavelmente da vizinha ilha da Boa Vista, onde ha muitos.

Os mares da ilha são abundantissimos de peixe, e poderia dar bellissimos resultados uma empreza em grande de pescaria e salga, principalmente sendo, como é, segura a sua exportação para os portos do Brazil. Pessoa alguma, porém, até hoje n'isso tem pensado.

A baleia apparece muito, e ultimamente o negociante e proprietario João José Vera Cruz, tem-se occupado de sua pesca, consagrando a esse serviço um palhabote e algumas canoas. Oxalá não desanime no tentamen, que bons lucros poderá deixar a elle e á provincia.

A pesca, em especial da baleia, sempre mereceu a protecção do nosso governo, que já por alvará de 18 de maio de 1798, a declarou livre no mar alto, bem como o fabrico do azeite, e o estabelecimento de pescarias sedentarias n'esta provincia. Não seria, pois, demasiado que, continuando-se na mesma protecção, se isentasse em 1882 este serviço de qualquer imposto ou direito, o que, sem prejudicar muito a receita publica, seria incentivo aos que no mesmo empregassem os seus capitaes.

Tambem apparecem bastantes tubarões, dos denominados *gatas*, pouco, porém, se aproveitam, e é pena, por ser o seu oleo segundo se affirma, mais iodado que o de fígados de bacalhau, pelo que bom preço podia encontrar no mercado.

Das producções da ilha temos dito.

O clima da ilha é quente e secco; a terra salubre. As molestias predominantes: escrobuto, ophthalmias e constipações.

O vento reinante NE. e ENE., por vezes fortissimos, não sendo raros os temporaes de vento e mar. Este ordinariamente conserva-se pouco agitado.

A maré no porto de Santa Maria, na lua nova e lua cheia, tem logar ás sete horas e quinze minutos, subindo o mar 1^m,52.

As chuvas, quasi sempre nocturnas, são escassas e irregulares; annos ha em que de todo faltam.

Cacimba abundante caíndo todo o anno.

Graniso, vinol-o cair grosso e em quantidade em 1860 ou 1861, se bem nos lembra. É phenomeno rarissimo na provincia.

Trovoadas, poucas e fracas.

A temperatura do ar, pressão atmospherica, rumo e intensidade do vento, estado do céu e do mar em referencia á povoação de Santa Maria, melhor poderá ver-se dos quadros meteorologicos que seguem.

Resumo das observações meteorológicas feitas diariamente às nove horas da manhã e tres da tarde, na povoação de Santa Maria da ilha do Sal aos 16° 34' 43" Lat. N. 22° 55' Long. O. de Greenwiche, desde outubro de 1862 a março de 1866 inclusive

Epochas	Pressão atmosphérica em millímetros						Temperatura á sombra em graus centigrados					
	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima
1862												
Outubro.....	758,08	759,99	754,92	5,07	15	1	27,61	30,3	24,4	5,8	5	29
Novembro.....	758,76	762,26	756,44	5,82	22	13	24,98	28,6	22,2	6,4	3	21, 22 e 30
Dezembro.....	759	761,50	756,44	5,06	24 e 27	15 e 16	23,25	26,7	20	6,7	18	25
4.º trimestre....	758,59	762,26	754,92	7,34	22 Nov.	1 Outubro	25,28	30,3	20	10,3	5 Outubro	25 Dezembro
1863												
Janeiro.....	758,67	759,99	755,68	4,31	5	15	22,62	27,2	20,3	6,9	16	31
Fevereiro.....	759,96	762,77	757,96	4,81	26	7 e 19	22,54	25	20,3	4,7	9	6 e 7
Março.....	758,44	759,99	755,43	4,56	1, 3, 5, 6, 11, 12 e 13	23	22,63	24,5	20,3	4,2	7, 15 e 25	13
1.º trimestre....	759,02	762,77	755,43	7,34	26 Fev.	23 Março	22,59	27,2	20,3	6,9	16 Janeiro	31 Jan., 6 e 7 Fev. e 13 Mar.
Abril.....	758,21	759,63	757,20	2,43	23 e 24	5 e 10	22,90	25,3	21,1	4,2	27 e 29	1
Maió.....	759,98	761	758,21	2,79	22	1	23,38	25,8	21,2	4,6	21	14
Junho.....	759,45	760,49	757,71	2,78	3 e 7	24 e 25	24,20	26,1	22,8	3,3	26	13, 16 e 20
2.º trimestre....	759,11	761	757,20	3,80	22 Maio	5 e 10 Abril	23,49	26,1	24,1	5	26 Junho	1 Abril
Julho.....	759,96	760,74	755,17	5,57	2	15	26,19	30	22,8	7,2	25	1
Agosto.....	758,01	759,48	756,69	2,79	23 e 27	10 e 11	28,47	31,1	25,5	5,6	26	7

Setembro.....	758,57	759,99	755,93	4,06	14 e 15	10 7	28,54	31,1	26,1	5	6 e 8	29
3.º trimestre.....	758,74	760,74	755,17	5,57	2 Julho	15 Julho	27,73	31,1	22,8	8,3	26 Agosto, 6 e 8 Outubro	1 Julho
Outubro.....	758,06	760,29	754,67	5,57	11	21	27,60	30,8	25,3	5,5	21	31
Novembro.....	757,91	759,99	755,93	4,06	15	19	25,80	28,4	22,5	5,9	5	29
Dezembro.....	758,59	759,94	754,16	5,83	29 e 30	19	24,72	27,8	22,5	5,3	22	26 e 27
4.º trimestre.....	758,18	760,24	754,16	6,08	11 Out.	19 Dez.	26,04	30,8	22,5	8,3	21 Outubro	29 Nov., 26 e 27 Dez.
Anno.....	758,76	762,77	754,16	8,61	26 Fev.	19 Dez.	34,96	31,1	20,3	10,8	26 Agosto, 6 e 8 Setembro	31 Jan., 6 e 7 fev. e 13 Mar.
1864												
Janeiro.....	758,64	761,50	755,68	5,82	10, 11 e 12	4, 20, 30 e 31	22,97	25	20,3	4,7	1	17
Fevereiro.....	759,75	761,26	755,93	5,32	9	1	21,26	26,1	18,3	7,8	2	10
Março.....	758,11	759,99	757,20	2,79	28	3	23,21	26,1	21,1	5	25	9
1.º trimestre.....	758,83	761,50	755,68	5,82	10, 11 e 12 Jan.	4, 20, 30 e 31 Janeiro	22,49	26,1	18,3	7,8	2 Fevereiro e 25 Março	10 Fevereiro
Abril.....	758,59	760,74	756,95	3,79	19	3, 8, 10 e 11	24,11	26,7	22,2	4,5	22	12
Maió.....	758,62	759,99	757,20	2,79	24 e 25	12	24,88	28,3	23,3	5	30	20
Junho.....	758,95	750,74	757,20	3,54	30	20 e 21	26,84	29,7	25	4,7	22	4 e 6
2.º trimestre.....	758,72	760,74	756,95	3,79	19 Abril e 30 Jun.	3, 8, 10 e 11 Abril	26,61	29,7	22,2	7,5	22 Junho	12 Abril
Julho.....	758,84	760,49	757,96	3,53	9	7	27,42	30,4	25,5	4,9	29	1
Agosto.....	757,05	758,72	753,65	3,70	22 e 23	26	29,04	32,5	26,7	5,8	9 e 18	1, 2, 3, 4 e 5
Setembro.....	758,97	759,99	756,19	3,80	14 e 15	30	29,22	32,2	27,5	4,7	22	16
3.º trimestre.....	757,92	760,49	753,65	6,84	9 Julho	26 Agosto	28,56	32,5	25,5	7	9 e 18 Agosto	1 Julho
Outubro.....	758,47	759,63	756,69	2,94	29	1	20,28	35,2	26,9	8,3	11	10
Novembro.....	758,69	760,74	756,19	4,55	12	5	28,34	32,7	25,9	6,8	9 e 10	29

Epochas	Pressão atmosférica em milímetros						Temperatura à sombra em graus centígrados					
	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima
Dezembro	759,25	760,49	755,43	5,06	14	4	25,03	29,3	22,2	7,1	1	24
4.º trimestre	758,80	760,74	755,43	5,31	12 Nov.	4 Dez.	27,55	35,2	22,2	13	11 Outubro	24 Dezembro
Anno	758,56	761,50	753,65	7,85	10, 11 e 12 Jan.	26 Agosto	26,30	33,2	18,3	16,9	10 Outubro	10 Fevereiro
1865												
Janeiro	759,53	761	757,71	3,29	7 e 12	26	24,05	29,8	21,7	8,1	2	17
Fevereiro	758,59	761,76	756,69	5,07	14	27	24,60	27,2	22,3	4,9	9	2
Março	758,72	761	756,79	4,81	19 e 31	6	24,16	26,7	22,4	4,3	3, 5 e 6	20
1.º trimestre	758,94	761,76	756,19	5,57	14 Fev.	6 Março	24,27	29,8	21,7	8,1	2 Janeiro	17 Janeiro
Abril	759,15	760,24	757,71	2,53	1 e 10	11	25,41	29,4	22,8	6,6	12	6
Maió	758,92	760,24	757,71	2,53	8	4	25,67	28,3	23,9	4,4	4	9
Junho	759,63	761,25	758,21	3,04	8	25 e 26	26,10	29,9	24,3	5,6	30	16
2.º trimestre	759,23	761,25	757,71	3,54	8 Junho	11 Mar. e 4 Maio	25,72	29,9	22,8	7,1	30 Junho	6 Abril
Julho	758,47	760,24	756,19	4,05	1	29	27,08	29,4	24,7	4,7	19	29
Agosto	756,81	759,63	754,41	5,22	2 e 3	16	28,92	31,1	26,5	4,6	1	6
Setembro	757,15	758,47	754,16	4,31	5, 20, 28, 29 e 30	10, 17 e 18	29,32	32,2	27,2	5	9	3 e 18
3.º trimestre	756,47	760,24	754,16	6,08	1 Julho	10, 17 e 18 Setembro	28,44	32,2	24,7	7,5	9 Setembro	29 Julho
Outubro	757,96	759,99	754,92	5,07	9 e 10	18	28,32	29,9	26,7	3,2	10 e 28	26
Novembro	757,91	759,63	754,92	4,71	25	6	27,12	31,5	23,6	7,9	9	3
Dezembro	758,44	760,64	755,93	4,61	24 e 25	12	28,91	26,7	20,6	6,1	1	28
4.º trimestre	758,10	760,64	754,92	5,72	24 e 25 Dez.	18 Out. e 6 Nov.	26,45	31,5	20,6	10,9	9 Novembro	28 Dezembro
Anno	758,43	761,76	754,16	7,60	14 Fev.	10, 17 e 18 Outubro	26,22	32,2	20,6	11,6	9 Setembro	28 Dezembro

1866

Jan.	759,33	762,01	756,44	5,57	13 e 14	8	22,47	25	20,5	4,5	28	16
Fevereiro	757,73	760,74	754,16	6,58	2	17 e 18	22,85	25,5	21	4,5	18	8
Março	758,31	761,25	755,93	5,32	17	30	23,32	26,4	21,4	5	27	10
1.º trimestre	758,45	762,01	754,16	7,85	13 e 14 Jan.	17 e 18 Fev.	22,88	26,4	20,5	5,9	27 Março	16 Janeiro

Resumo**Medias e extremas por trimestres**

Epochas	Pressão atmospherica em millimetros					Temperatura á sombra em graus centigrados						
	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima	Media	Maxima	Minima	Varição	Data da maxima	Data da minima
1.º trimestre	758,81	762,77	754,16	8,61	26 Fev. 1863	17 e 18 Fev. 1866	23,05	29,8	18,3	11,5	2 Jan. 1865	10 Fev. 1864
2.º trimestre	759,04	761,25	756,95	4,30	8 Junho 1865	3, 8 10 e 11 Abril 1864	25,27	29,9	21,1	8,8	30 Junho 1865	1 Abril 1863
3.º trimestre	758,04	760,74	753,65	7,09	2 Julho 1863	26 Agosto 1864	28,24	32,5	22,8	9,7	9 e 18 Agosto 1864	1 Julho 1863
4.º trimestre	758,41	762,26	754,16	8,10	22 Nov. 1862	19 Dez. 1863	26,33	35,2	20	15,2	11 Out. 1864	25 Dez. 1862
Resumo geral por ano	758,57	762,77	753,65	9,12	26 Fev. 1863	26 Agosto 1861	25,72	35,2	18,3	16,9	11 Out. 1864	10 Fev. 1864

Alturas barometricas — Não correctas nem reduzidas ao nivel do mar.

Altitude do barometro — 5^m,50.

Distancia do mar — 30 metros.

Temperatura — Em casa e á sombra absoluta.

Frequencia do vento

Epochas	Dias de vento															
	N.	NNE.	NE.	ENE.	E.	ESE.	SE.	SSE.	S.	SSO.	SO.	OSO.	O.	ONO.	NO.	NNO.
1862																
Outubro	0	0	18	10	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Novembro	0	0	2	26	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dezembro	0	0	10	18	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4.º Trimestre	0	0	30	54	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1863																
Janeiro	0	0	10	18	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Fevereiro	0	0	4	21	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Março	0	0	11	17	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1.º Trimestre	0	0	25	56	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Abril	0	1	11	18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Maió	0	0	22	9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Junho	0	0	20	9	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2.º Trimestre	0	1	53	36	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Julho	3	0	3	7	2	0	0	1	1	0	0	1	1	1	3	6
Agosto	2	0	4	12	0	0	0	0	2	1	2	0	1	2	1	2
Setembro	0	0	5	20	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3.º Trimestre	5	0	12	39	5	1	0	1	3	1	2	1	2	3	4	8
Outubro	0	0	3	25	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Novembro	2	0	4	19	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dezembro	0	0	0	8	16	0	0	2	0	0	1	0	1	1	0	0
4.º Trimestre	2	0	7	52	21	0	0	2	0	0	1	0	1	2	0	0
Anno	7	1	97	183	36	1	0	3	3	1	3	1	3	5	4	8
1864																
Janeiro	1	0	2	16	7	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	2
Fevereiro	1	0	0	22	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Março	0	0	4	19	3	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0
1.º Trimestre	2	0	6	57	14	0	1	1	0	1	0	1	2	0	1	3
Abril	0	0	3	24	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Maió	0	0	6	19	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Junho	1	0	5	16	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0
2.º Trimestre	1	0	14	59	15	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0

Epochas	Días de vento															
	N.	NNE.	NE.	ENE.	E.	ESE.	SE.	SSE.	S.	SSO.	SO.	OSO.	O.	ONO.	NO.	NNO.
Julho.....	0	0	0	22	6	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
Agosto.....	0	0	5	9	3	1	1	2	2	0	0	3	0	0	2	3
Setembro.....	0	0	4	20	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3.º Trimestre.....	0	0	9	51	11	6	1	2	3	1	0	3	0	0	2	3
Outubro.....	0	0	2	17	5	1	1	3	2	0	0	0	0	0	0	0
Novembro.....	2	0	4	13	4	0	1	1	0	0	1	1	0	0	2	1
Dezembro.....	0	0	1	22	4	0	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0
4.º Trimestre.....	2	0	7	52	13	1	2	4	2	0	1	4	0	1	2	1
Anno.....	5	0	36	219	53	7	4	7	6	2	1	8	2	1	6	7
1865																
Janeiro.....	1	0	2	23	4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Fevereiro.....	3	0	4	15	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0
Março.....	0	0	1	23	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1.º Trimestre.....	4	0	7	61	12	1	1	0	0	0	1	0	0	1	2	0
Abril.....	2	0	12	14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
Maió.....	0	3	1	27	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Junho.....	0	2	10	12	2	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
2.º Trimestre.....	2	5	23	53	2	2	1	0	0	0	0	0	0	1	2	0
Julho.....	1	0	4	15	7	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Agosto.....	1	1	3	10	5	1	0	0	0	1	0	0	1	2	3	0
Setembro.....	0	0	4	20	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3.º Trimestre.....	2	1	11	45	14	7	0	0	0	1	0	0	1	2	4	1
Outubro.....	0	0	0	26	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Novembro.....	0	0	0	22	3	0	0	0	1	0	0	1	2	0	0	0
Dezembro.....	0	0	0	15	13	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
4.º Trimestre.....	0	0	0	63	19	4	0	1	1	0	0	1	2	0	0	0
Anno.....	8	6	41	222	47	14	2	1	1	1	1	1	3	4	8	1
1866																
Janeiro.....	0	0	1	17	12	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Fevereiro.....	0	0	1	19	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Março.....	0	0	1	23	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1.º Trimestre.....	0	0	4	59	24	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

O vento marcado foi o predominante em cada dia.
Altitude do catavento — 9 metros.

Estado da atmosphera, do céu e do mar

Epochas	Dias de vento					Dias de					Dias de céu				Dias de mar				
	Muito fresco	Fresco	Moderado	Fresco	Muito fresco	Dias de calma	Chuva	Chovicosos	Relampagos	Trovoões	Limpas	Nublado	Demorens sol-tas	Inclinado	Cerrado	Chão	Grosso	De grande vaga	Dias de mareta
1862																			
Outubro...	0	3	12	16	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Novembro...	4	15	11	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dezembro...	4	2	25	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0
4.º trimestre.	8	20	48	16	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0
1863																			
Janeiro....	0	5	18	8	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
Fevereiro...	3	12	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Março....	5	9	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1.º trimestre.	8	26	48	8	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0
Abril.....	0	16	14	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Maió.....	0	17	11	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Junho.....	2	8	15	5	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2.º trimestre.	2	41	40	8	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Julho.....	2	3	5	13	6	2	0	6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Agosto....	0	5	11	13	0	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Setembro...	2	9	14	4	0	1	1	4	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0
3.º trimestre.	4	17	30	30	6	5	1	11	1	3	0	0	0	2	0	0	0	0	0
Outubro...	8	14	4	3	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Novembro...	0	10	19	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dezembro...	1	5	20	3	0	2	2	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
4.º trimestre.	9	29	43	7	0	4	3	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Anno.....	23	113	161	53	6	9	11	19	1	3	0	0	0	6	0	0	0	0	1
1864																			
Janeiro....	4	11	0	13	3	0	2	3	2	0	1	13	7	10	0	23	7	1	0
Fevereiro...	2	18	0	6	2	1	3	4	2	2	7	11	7	4	0	14	15	0	0
Março....	4	9	4	9	4	1	0	1	0	0	8	8	13	2	0	19	11	1	3
1.º trimestre.	10	38	4	28	9	2	7	8	4	2	16	32	27	16	0	56	33	2	3
Abril.....	3	9	14	4	0	0	0	0	0	5	6	13	6	0	29	1	0	0	0
Maió.....	0	5	18	8	0	0	0	1	0	5	19	6	1	0	31	0	0	0	0
Junho....	4	6	12	6	2	0	0	1	0	0	19	9	11	0	25	5	0	3	0
2.º trimestre.	7	20	44	18	2	0	0	2	0	10	44	28	18	0	85	6	0	3	0

Epochas	Dias de vento					Dias de				Dias de eça				Dias de mar					
	Muito fresco	Fresco	Moderado	Fraco	Muito fraco	Dias de calma	Chuva	Choviscos	Relançugos	Trovões	Lámpo	Nublado	De nuvens soltas	Incinzado	Cerração	Chão	Grosso	De grande vaga	Dias de mareta
Julho.....	0	5	10	9	7	0	0	4	0	0	0	17	6	8	0	30	0	1	0
Agosto....	1	2	5	11	12	0	0	4	1	0	4	8	10	9	0	27	4	0	0
Setembro..	3	10	10	5	2	0	3	1	1	0	10	13	6	1	0	25	4	1	0
3.º trimest.	4	17	25	25	21	0	3	9	2	0	14	38	22	18	0	82	8	2	0
Outubro...	0	9	10	3	9	0	0	3	3	3	13	4	8	6	0	26	5	0	0
Novembro..	1	9	9	8	3	0	0	1	1	0	10	4	12	4	0	30	0	0	0
Dezembro..	7	9	5	9	1	0	0	1	0	0	8	6	10	7	0	30	1	0	0
4.º trimest.	8	27	24	20	13	0	0	5	4	3	31	14	30	17	0	86	6	0	0
Anno.....	29	102	97	91	45	2	10	23	10	5	71	128	98	69	0	309	39	2	6
1865																			
Janeiro...	0	16	4	8	3	0	0	0	0	0	19	1	9	2	0	31	0	0	0
Fevereiro..	3	3	6	10	6	0	0	1	0	0	15	4	2	7	0	15	13	0	0
Março.....	2	16	5	8	0	0	1	0	1	1	2	9	17	3	0	31	0	0	0
1.º trimest.	5	35	15	26	9	0	1	1	1	1	36	14	28	12	0	72	13	0	0
Abril.....	3	8	12	2	5	0	0	0	0	0	4	4	21	1	0	28	2	0	0
Maió.....	6	13	12	0	0	0	0	0	0	0	5	2	11	13	0	22	9	0	0
Junho.....	3	5	14	1	7	0	0	0	0	0	8	4	10	8	0	29	1	0	0
2.º trimest.	12	26	38	3	12	0	0	0	0	0	17	10	42	22	0	79	12	0	0
Julho.....	0	5	12	8	7	0	1	2	0	0	8	12	9	2	0	29	2	0	0
Agosto....	0	2	2	21	3	3	2	3	2	0	2	13	7	9	0	31	0	0	0
Setembro..	0	5	7	13	5	0	5	1	0	1	1	6	13	10	0	29	1	0	0
3.º trimest.	0	12	20	42	15	3	8	6	2	1	11	31	29	21	0	89	3	0	0
Outubro...	5	15	8	3	0	0	0	0	0	0	4	13	12	2	0	30	1	0	0
Novembro..	7	6	5	5	6	1	0	2	0	0	1	15	0	11	3	24	6	0	2
Dezembro..	14	8	2	5	2	0	1	2	0	2	1	12	2	6	0	18	12	1	0
4.º trimest.	26	29	15	13	8	1	1	4	0	2	6	40	14	19	3	72	19	1	2
Anno.....	43	102	88	84	44	4	10	11	3	4	70	95	113	84	3	317	47	1	2
1866																			
Janeiro...	6	14	3	7	1	0	3	7	0	0	3	10	9	9	0	23	5	3	0
Fevereiro..	1	14	7	2	3	1	1	1	0	0	2	8	4	14	0	26	2	0	0
Março.....	7	15	6	2	0	1	1	1	1	0	10	8	8	5	0	27	4	0	0
1.º trimest.	14	43	16	11	4	2	5	9	1	0	15	26	21	28	0	76	11	3	0

As observações relativas á intensidade do vento, estado do céu e do mar referem-se ao estado predominante em cada dia. As relativas ao estado do céu e do mar só tiveram principio em 1864.

Como, porém, nos quadros retrò não figuram os mezes de abril e maio de 1866, a que nos referimos no começo d'este trabalho, daremos aqui em resumo as observações relativas ao primeiro mez, não mencionando as que respeitam aos dias decorridos do segundo, por serem de mez incompleto.

Pressão atmospherica :

Media.....	758,24
Maxima.....	759,48
Minima.....	756,69

Temperatura :

Media.....	24,33
Maxima.....	27,22
Minima.....	21,11

Frequencia do vento :

	Dias
N.....	1
NNE.....	1
ENE.....	19
E.....	4
O.....	1
NO.....	2
NNO.....	2

Intensidade do vento :

Muito fresco.....	3
Fresco.....	9
Moderado.....	10
Fraco.....	5
Muito fraco.....	3

Estado do céu :

Limpo.....	7
Nublado.....	15
De nuvens soltas.....	6
Incinzado.....	2

Estado do mar :

Chão.....	25
Grosso.....	5

Todas as observações, tanto as que pessoalmente fizemos, como as referidas a alguns mezes que estivemos ausente da ilha, foram feitas com a maxima cautela e regularidade, em casa bem ventilada, por assim dizer separada de todas as outras, n'um espaçoso largo nas proximidades do mar, correndo na direcção EO.

É, porém, para sentir-se que, por falta de instrumentos, se não determinasse o estado hygrometrico da atmospherá, quantidade de ozone, de chuva, etc., bem como que, por igual rasão, as maximas e minimas da temperatura, sejam apenas as deduzidas das observações diarias, feitas ás nove horas da manhã e ás tres da tarde, nas condições expostas.

V

Tendo-nos occupado da descripção da ilha, sua historia, administração, população, produções e clima, só nos resta, para rematar esta mal alinhavada noticia, dizer, como nos obrigámos, do desenvolvimento das suas aptidões; isto é, do seu commercio, navegação e industria.

Antes, porém, de tudo mostraremos no seguinte quadro a quanto montam, nos ultimos cinco annos, os rendimentos publicos e municipaes :

Annos economicos	Receita da fazenda	Receita municipal
1877-1878.....	5:126\$888	895\$968
1878-1879.....	4:558\$011	1:038\$034
1879-1880.....	5:602\$221	1:053\$478
1880-1881.....	4:958\$669	929\$922
1881-1882.....	6:417\$978	919\$484

E para se fazer uma idéa, realmente apenas approximada, do valor da propriedade, apresentaremos o valor collectavel da mesma em 1881, que avançou a 13:609\$069 réis; sendo em vista d'elle a contribuição predial de repartição, e addicionaes para o referido anno 1:484\$589 réis.

A moeda corrente na ilha do Sal, tem, como em toda a provincia, dois valores, um commercial ou fraco, outro official ou forte, que estão entre si na rasão de 23 para 24.

O commercio da ilha consiste; principal e quasi exclusivamente, na exportação do sal das suas salinas, a qual foi no quinquennio ultimo :

	Moias da provincia
1877.....	7:513
1878.....	7:033
1879.....	6:996
1880.....	9:844
1881.....	8:581

Segundo consta de um relatório, que temos á vista, do actual administrador d'aquelle concelho, parece que a exportação chegou mesmo a elevar-se a 12:000 moios.

O que é fóra de duvida, é que a muito mais poderia avançar certamente do que áquillo que tem sido, se para esse fim se empregassem os meios adequados.

O preço venal do sal, posto a bordo, é de 4\$400 réis por moio da provincia, sendo, porém, comprado pelos proprietarios dos caminhos de ferro aos fabricantes, que por sua conta propria o não embarcam, na razão de 2\$800 a 3\$000 réis por moio á beira de seus caminhos.

O sal da salina de Pedra Lume só é vendido posto a bordo, e tem o mesmo preço do da salina do Portinho.

Alem do sal exporta a ilha alguma urzela, pelles de cabra, coiros de boi e casca de tartaruga, sendo esta de muito inferior qualidade.

O sal é exportado para o Brazil, e algum para Montevideu e Buenos Ayres; as pelles de cabra e casca de tartaruga para os Estados Unidos da America; para Lisboa a urzela e coiros de boi.

Para as ilhas do archipelago fornece sal, algum gado bovino, cabrum e lanigero, peixe salgado, queijos, etc.

Importar, por assim dizer, importa tudo; sendo os mercados de onde directamente se fornece Lisboa, Estados Unidos da America e Brazil.

De Lisboa: arroz, azeite doce, bacalhau, batatas, bebidas diversas, calçado, cebollas, charutos, chitas, fato feito, fazendas de algodão, fer-ragens, louça, vinagre, vinhos, etc.

Dos Estados Unidos da America: bolacha, farinha de trigo e de milho, fazendas de algodão, madeira, mobilia, petroleo, pregos, tabaco em pasta, telha de pau, tintas diversas, etc.

Do Brazil: assucar, café, carne secca, charutos, doce de goiaba, farinha de pau, tabaco em folha, etc.

Das ilhas do archipelago recebe: aguardente, assucar, azeite de purgueira, café, farinha de mandioca, feijão, louça de barro, milho, sabão, tabaco em rolo e diversos refrescos.

O valor da importação e exportação nos cinco annos economicos referidos, foi o seguinte:

Annos economicos	Valor da importação	Valor da exportação	Total
1877-1878.....	15:926\$542	20:466\$970	36:393\$512
1878-1879.....	16:655\$390	25:711\$270	42:366\$660
1879-1880.....	22:934\$054	24:740\$557	47:674\$611
1880-1881.....	15:852\$910	17:388\$140	33:271\$000
1881-1882.....	10:248\$529	23:693\$610	33:942\$139

E note-se, porém, pelo que respeita á exportação, ser menos exacto o valor declarado, pois sendo o preço do sal posto a bordo 4\$400

Tabella das medidas e pesos espezias do archipelago de Cabo Verde
comparados com os seus correspondentes do systema metrico

Designação das medidas e pesos e suas divisões	Correspondencia no systema metrico	Ilhas onde são usadas
Medidas lineares		
Lança tem 2 braças ou 4 varas	Metr. 4,4	Diversas.
Lança tem 3 varas.....	» 3,3	S. Nicolau.
Jarda tem 4 palmos.....	» 0,88	Em todas.
Pé tem 12 pollegadas inglezas.....	» 0,304	»
Medidas agrarias de superficie		
Alqueire tem 4 quartas, ou 16 onças, ou 960 lanças quadradas	Ares 185,856	Sul do Fogo.
Quarta tem 4 onças, ou 240 lanças quadradas	» 46,464	»
Onça tem 60 lanças quadradas.....	» 11,616	»
Alqueire tem 4 quartas, ou 16 onças, ou 840 lanças quadradas.....	» 162,624	Norte.
Quarta tem 4 onças ou 210 lanças quadradas	» 40,656	»
Onça tem 52,5 lanças quadradas.....	» 10,164	»
Lança tem 4 braças quadradas	» 0,1936	Fogo.
Alqueire tem 4 quartas, ou 16 onças, ou 14:400 varas quadradas	» 174,24	Brava.
Quarta tem 4 onças ou 3:600 varas quadradas	» 43,56	»
Onça tem 900 varas quadradas	» 10,89	»
Vara.....	» 0,0121	»
Casal tem 200 lanças quadradas.....	» 21,78	S. Nicolau.
Lança tem 9 varas quadradas	» 0,1089	»
Medidas de capacidade para seccoos		
Moio tem 60 alqueires	Litr. 2495,58	Em todas.
Alqueire tem 4 quartas, ou 2:000 pollegadas cubicas portuguezas.....	» 41,593	»
Quarta tem 4 onças ou 500 pollegadas cubicas	» 10,398	»
Meia quarta tem 2 onças ou 250 pollegadas cubicas	» 5,199	»
Onça tem 125 pollegadas cubicas.....	» 2,599	»
Pichel tem um quarto de onça.....	» 0,649	Fogo.
Barrica tem 3 alqueires.....	» 124,779	Em todas.
Medidas de capacidade para liquidos		
Gallão tem.....	» 3,7	Nas de Bar- lavepto.
Gallão imperial tem	» 4,54	»
Frasco tem 3½ garrafas	» 2,45	S. Thiago.
Frasco tem 3 garrafas.....	» 2,1	Brava.
Folha tem 1½ garrafas.....	» 1,05	»
Quartilho tem 1½ garrafa (para leite)	» 1,05	Fogo.
Garrafa tem meia canada.....	» 0,7	Em todas.

Designação das medidas e pesos e suas divisões	Correspondencia no systema metrico	Ilhas onde são usadas	
Medidas para lenha			
Corda tem 128 pés inglezes cubicos	Steres 3,62432	Diversas.	
Corda tem 125 pés inglezes cubicos	" 3,539375	Boa Vista.	
Pesos			
Pedra tem 3 arrateis.....	} Para pesar al- godão	Boa Vista.	
Libra da terra tem 1½ arratel.....			Kilogr. 1,377
Libra tem 1 arratel.....			" 0,688
	" 0,459	Fogo.	
		Em todas.	

N. B. Os demais pesos e medidas usados são os antigos de Lisboa.

Nas ilhas não mencionadas na tabella, ou não ha medidas especiaes de superficie ou esta se mede por lanças ou braças.

E para concluir pelo que respeita ao commercio, que do exposto se vê não ser dos menos importantes, mencionaremos os preços dos principaes generos no mercado, os quaes realmente não são nada commodos.

Designação dos generos	Quantidade	Preço
Aguardente da provincia.....	Garrafa	\$200
Arroz	Libra	\$060
Assucar branco	"	\$200
Assucar da provincia	"	\$120
Azeite doce.....	Garrafa peq.	\$320
Batatas.....	Libra	\$050
Batata doce.....	"	\$020
Café	"	\$240
Carne de vacca.....	"	\$100
Carne de porco.....	"	\$100
Chá.....	"	1 \$800
Farinha de mandioca.....	Alqueire	1 \$400 a 2 \$400
Feijão	"	1 \$400 a 2 \$400
Gallinhas	Uma	\$360 a \$480
Manteiga de vacca	Libra	\$600
Manteiga de porco.....	"	\$320
Milho	Alqueire	1 \$400 a 2 \$400
Ovos	Tres	\$040
Pão (meia libra)	Um	\$050
Toucinho.....	Libra	\$200 a \$240
Vinagre.....	Garrafa	\$120
Vinho branco.....	"	\$320
Vinho-tinto	"	\$200

Para a venda da carne de vacca e porco não ha açougue certo, e principalmente a primeira, raras vezes apparece no mercado. A carne verde mais usada para o consumo é a de cabrito, a que chamam

capadinho, que se vende por cabeça, sendo o preço regular de cada um de 720 réis a 800 réis.

Ha pertencentes á praça da ilha do Sal os seguintes navios :

	Toneladas
Palhabote <i>Adelaide</i>	173
Escuna <i>Creoula</i>	189
Palhabote <i>Julia</i>	46
Palhabote <i>Maria</i>	53
Palhabote <i>Tuda</i> (Gertrudes).....	80
Palhabote <i>União</i>	81

O movimento do porto por entrada foi nos ultimos cinco annos :

Annos	Navios entrados		Total
	Mercantes de longo curso	De cabotagem	
1877.....	56	63	119
1878.....	57	60	117
1879.....	56	73	129
1880.....	64	46	110
1881.....	63	67	130

Os paizes que na ilha estão representados por consules, vice-consules e agentes consulares, são os seguintes :

Allemanha — Consul.

Brazil — Vice-consul.

Dinamarca — Vice-consul.

Hespanha — Vice-consul.

Estados Unidos da America — Agente consular.

França — Agente consular.

Grecia — Vice-consul.

Inglaterra — Agente consular.

Suecia e Noruega — Vice-consul.

Republica Argentina — Consul.

Republica oriental do Uruguay — Consul.

E a não ser a ilha de S. Vicente, em relação á qual por omissão do copista ou typographo, se não mencionaram na publicação a que já por vezes nos temos referido, inserta no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, o agente consular de França e vice-consul de Hespanha, não ha outra ilha na provincia que tenha maior corpo consular.

Para remate d'este repositorio de noticias e dados estatisticos, que já vaç peccando por extenso, resta-nos ainda fallar da industria da ilha. É o que vamos fazer.

Alóra o fabrico de sal, não ha nenhuma outra; pois a pesca da

baleia e fabricação do azeite da mesma, ainda não tomaram proporções para merecerem ser enumeradas; nem tão pouco a salga do peixe em geral.

Repetiremos, porém, que ambos estes ramos industriaes e de commercio, seriam da maior vantagem, attentas as condições especiaes da terra, não só para ella, mas para todo o archipelago-

Fecharemos este ultimo capitulo indicando a distribuição na ilha dos diversos officios mechanicos, segundo o recenseamento relativo ao anno de 1878, unico que a tal respeito podémos consultar.

Calafates.....	2
Carpinteiros.....	20
Ferreiros.....	2
Pedreiros.....	7
Sapateiros.....	1

E bem pobremente, na verdade, que estavam representados, allgurando-se-nos, porém, que pouca alteração para mais terão soffrido de então até esta data.

De agricultura, se a houvesse, seria aqui tambem o logar de dizer a seu respeito, mas, como já dissemos, é a ilha do Sal para a mesma bem adequada.

De resto, a pouca cultura que se realisa, faz-se sem methodo, como em toda a provincia, não se adubando nem preparando os terrenos convenientemente, deixando á provida natura o cuidado de fazer vingar as sementeiras.

Apesar d'isso, são as colheitas abundantes quando a falta de chuva ou o excesso do vento não as faz mallograr.

Abençoado terrão o d'estas ilhas, que com tal abandono e descunção alguma cousa póde produzir!

Cidade do Mindello da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, 30 de novembro de 1882.—*Joaquim Vieira Botelho da Costa*, socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Rubén Barone Tosco

III

GUINE PORTUGUEZA

DE GÉBA AO INDORNAL

Documentos officiaes

Secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar.—Direcção geral do ultramar.—III.^{mo} e ex.^{mo} sr.—S. ex.^a o ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar encarrega-me de transmitir a v. ex.^a as inclusas copias authenticas de dois officios enviados a esta secretaria d'estado pelo governador da provincia da Guiné portugueza, nos quaes são relatados factos que dão a conhecer os usos e costumes de diversas tribus gentílicas, vizinhas dos territorios que